

## **CAPÍTULO 4**

### **4 PESPONTANDO NOVOS SABERES**

#### **4.1 Apresentação, descrição e análise dos dados coletados nos encontros.**

Neste tópico serão abordadas as análises dos 15 encontros realizados com as três colaboradoras desta pesquisa no período de 17 de outubro a 18 de dezembro de 2007, num espaço cedido pela Escola Municipal Chácara das Flores, localizada no bairro Chácara das Flores. Análise esta feita através de um detalhamento nos instrumentos de coleta de dados desta pesquisa: diário de campo, observação participante e os portfólios feitos pelas colaboradoras.

Através desses encontros surgem novos olhares entrelaçados a esse novo contexto, concretizando momentos onde revemos velhos preceitos e reabrimos possibilidades muitas vezes esquecidas dentro de nosso meio social. Discutir e problematizar estas questões intrincadas e por muitas vezes escondidas nas periferias dos objetivos principais, nos levam a entender e perceber uma questão mais geral, vendo que não são só simples pessoas envolvidas neste processo, mas personagens que contam uma história vivida e já contada por muitos outros. Richter (2003, p. 205) coloca a importância deste tipo de concepção, a criação partindo das diferenças, subversões e articulações, pois é através deste processo que surgem “mundos novos de realidades não imaginadas”. Partindo destas realidades e histórias, podemos enxergar e ter reflexões onde personagens se tornam protagonistas trazendo ao nosso alcance conhecimentos resgatados de um cotidiano que vem a contribuir em aspectos referentes a consolidação neste processo investigativo.

Portanto, percebemos a grande importância empregada nesta ação, onde temos a inserção de um pesquisador/educador num novo universo com valores e dimensões talvez não tão comuns, mas de extrema relevância no que diz respeito à tentativa de compreender o outro e sua cultura, valorizando e respeitando suas

formas de ser e ver. Gadotti (1997, p. 248) ressalta a importância deste tipo de abordagem primando pela compreensão na sociedade em que estas pessoas estão inseridas, assim como em suas transformações, pois dessa forma passam “a ser um membro atuante na sociedade, no sentido de favorecer sua transformação ou, ao contrário, a ela se opor”. A educação não-formal enquanto aprendizagem praticada durante a trajetória de vida das pessoas passa a ser compreendida como uma educação para a vida, estimulando a reflexão sobre o papel que desempenham na sociedade.

### **1º Encontro – 17 de outubro de 2007**

---

**Temática:** Introdução ao projeto e reconhecimento da madeira petrificada, materializando a prática educativa não-formal

Este primeiro encontro buscou destacar um novo olhar sobre a madeira petrificada inserida na vivência das participantes, gerando neste momento inicial um possível direcionamento no que diz respeito aos processos criativos que subsidiariam suas criações. O objetivo principal foi realizar uma reflexão sobre a importância do tema, sendo também pontuado o desenvolvimento de peças e acessórios com possível geração de renda.

O encontro aconteceu centrado em um momento geral, através de uma discussão coletiva sobre aspectos do tema. Sendo que dentro deste período percebem-se subdivisões levando em consideração aspectos relevantes a respeito dos fósseis de árvores petrificadas, seu processo de fossilização, os tipos de vegetais que foram preservados, como era a vida na Terra há 200 milhões de anos, e onde podem ser encontrados estes exemplares, assim como, leis que os protegem.

Esta integração entre as participantes e o tema, teve como parâmetro os conhecimentos de cada uma acerca da proposta, tendo como base suas histórias, seus saberes, assim como proporcionando expectativas na construção de projetos de design de moda e pensando nas possibilidades referentes a pesquisa.

### **Descrição e análise do encontro:**

Antes de qualquer aplicação referente a momentos pré-estabelecidos abriu-se um espaço para diálogos no intuito de conhecer o grupo e promover as devidas apresentações individuais, onde cada uma, assim como a pesquisadora, teve a oportunidade de compartilhar aspectos de suas vidas, como seus ofícios e suas opiniões referentes a saberes individuais, como podemos observar no relato a seguir que destacam alguns desses conhecimentos que as participantes possuem:

**“Crochê, tricô, fuxico, uso retalho essas coisas... eu consigo numa malharia que tem aqui no Rosário...”** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora)

**“Eu faço crochê, pintura, sei costurar um pouco também na máquina elétrica, eu faço tricô qualquer coisa eu faço... o que der na mão virou arte né!”** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora)

**“Pintura e grampado, um eu aprendi olhando”** (Fala da **Luziana**, registro das gravações da pesquisadora)

Nestes trechos percebe-se a importância de conhecer os domínios técnicos que cada colaboradora dispõe, atribuindo valores e partindo destes aspectos inseridos em seus universos para então buscar aportes na geração de novos saberes, Gadotti (2000, p. 102) lembra que todas as pessoas estão abertas a aprendizados diferenciados já que “o sujeito é responsável pela construção do conhecimento e pela resignificação do que aprende”, o autor se refere a importância de um projeto que valorize e atribua significados aos conhecimentos individuais de cada pessoa, podendo assim desenvolver o aprendizado em torno de suas próprias ações e trocas de experiências.

Dando seguimento a este diálogo coletivo iniciou-se uma reflexão sobre a madeira petrificada, onde foi investigado se as participantes tinham o conhecimento da existência de fósseis no Bairro Chácara das Flores ou mesmo se elas os reconheciam em seus arredores. Como base para este diálogo estava presente um pequeno fragmento de fóssil, sendo este destinado a realização de observações ou mesmo uma identificação com algum elemento já conhecido.

No ar um sentimento de insegurança coexistiu com a afirmação de que aqueles minerais que dividiam espaço e misturavam-se as paisagens do bairro realmente era madeira petrificada: **“eu não sei se tem aqui porque eu nunca vi”**

(Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora). Percebe-se através deste tipo de afirmação que não há um entendimento por alguma parte da comunidade no que diz respeito ao conhecimento do significado e da existência de tais elementos naturais.

Ao repassar algumas questões teóricas, tendo em vista a necessidade do esclarecimento em torno de alguns elementos significativos sobre a madeira petrificada e a forma de como esta serviria de inspiração na criação de design de moda, foram debatidas interativamente questões a respeito da idade aproximada que estes fósseis viriam a ter, cerca de 200 milhões de anos, seu processo de fossilização, também se falou alguma coisa sobre como era a vida na Terra neste período, que vegetais eram encontrados, alguns animais que aqui habitavam como, por exemplo, os grandes dinossauros:

***“Falar em dinossauro... eu como não acredito em dinossauro! E nem que o homem nasceu do macaco... (risos)... É eu acredito no que tem na Bíblia... senão não existiria né!”*** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora)

Através desta observação percebemos a interação da participante com o tema abordado trazendo consigo parte de suas histórias baseadas em suas crenças, costurando-as em nossas reflexões de forma participativa.

Como fundamento teórico para a apresentação destes dados técnicos sobre o assunto referente aos fósseis, assim como o processo de fossilização que havia ocorrido e a preservação de sua estrutura molecular, foi citado alguns autores que abordam e pesquisam o tema, como por exemplo, Sommer e Scherer (1999), Huene e Stahlecker (1968), entre outros, podendo assim, a partir destes dados existirem elementos que comprovem cientificamente esta manifestação natural no que se entende por madeira petrificada. Algumas falas referentes às participantes tendem, de certa forma, contrariar essas possibilidades científicas como percebemos a seguir:

***“Na verdade nem os cientistas explicam nada disso ainda! Sinceramente... Que o mundo foi destruído, bom eu já acredito mais na minha Bíblia entende? Bom então já não acredito que isso possa existir porque na Bíblia diz que o mundo foi destruído em águas... né?”*** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora)

Fátima busca com sua declaração suporte em sua crença religiosa, sendo visível o papel desempenhado pela religião na formação cultural no que diz respeito



a ela, sendo freqüente no decorrer desta fase afirmações de que tudo que ela precisa referente a compreensão da vida está escrito na Bíblia. Em muitas ocasiões os assuntos tratados dentro de um templo religioso vêm ao encontro do cotidiano de seus fiéis, tratando de temas polêmicos e realizando um entrelaçamento com o estudo da Bíblia, servindo assim como base geradora de opiniões e novos conceitos.

Motivada a inserir-se nas histórias ali sendo relatadas, outra participante buscou em suas crenças populares uma passagem sobre o assunto em questão, trazendo de suas lembranças um conto de um local muito próximo onde se poderia encontrar madeira petrificada:

***“É um conto que as pedras em Mata petrificaram por causa de uma batalha que houve lá e por que foi derramado muito sangue, então as pedras petrificaram”*** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora)

Refletindo este resgate que Indaia fez através das falas registradas acima, onde ela traz de sua memória fatos ou mesmo histórias ouvidas e relatadas por pessoas que se apóiam em credices populares, fazendo com que as mesmas tornem-se fortes e verdadeiras pelo fato de serem passadas de tempos em tempos criando raízes na cultura popular. Dentro desta idéia de buscar elementos de conhecimento pessoal Freire (1983) coloca também na educação esta busca individual, implicando assim numa tradução permanente de si mesmo. Questão esta que intrinsecamente a esses conhecimentos populares proporcionou um importante aporte ao nosso encontro, pois no momento em que tais opiniões eram colocadas ao grupo existiu uma crescente e geral vontade de também contar a história de cada uma.

Dando seqüência a este momento de recordações, foi colocado mais um importante dado a ser debatido: o patrimônio histórico e a proteção ambiental. Foram citadas algumas leis como, por exemplo, o Decreto-Lei n. 25 de 30 de novembro de 1937, que protege o patrimônio histórico e o considera um monumento natural. Esclarecendo segundo a legislação o que pode ser considerado patrimônio, paralelamente foram sendo levantados com as colaboradoras alguns conhecimentos referentes a este tema, enfatizando a importante tarefa de preservação patrimonial, sendo considerado crime retirá-las de seu local de origem, cortá-las e transformá-las em objetos para uso pessoal ou mesmo visando sua venda, existindo punições previstas pela lei para cada tipo de furto.

Como reações a este assunto e a esta afirmação referente à legislação perceberam-se alguns comentários um pouco constrangidos: **“Mata! Foi lá que eu... (pausa)... a pedra que eu peguei lá...”** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora), conseqüentemente esta afirmação desencadeou uma série de lembranças, assim como locais contendo fósseis, **“em Soledade tem também”** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora). Estas recordações em união a novos parâmetros colocados geraram uma reflexão criando assim uma nova visão em relação à conscientização, valorização e preservação patrimonial.

Este período de reflexão e busca por locais contendo fósseis, contribuíram para o esclarecimento no que diz respeito aos aspectos constitutivos e sociais referentes a madeira petrificada. Sendo este momento, onde as participantes situavam-se a respeito do tema, muito importante para a continuidade e também para o desenvolvimento dos projetos de design de moda, assim como a forma de utilizar esses aspectos na temática da madeira petrificada possibilitou mais ferramentas na inspiração para a construção dos processos criativos: **“mas não é roupa com pedra né professora!”** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora) complementou a participante na tentativa de compreender a forma que o tema subsidiaria a criação do design das peças, bem como as estampas que comporiam os modelos.

Foi importante para a pesquisa a apresentação e esclarecimentos a respeito dos objetivos deste trabalho, assim como o acontecimento de um desfile ao final da pesquisa, na intenção de mostrar a comunidade os resultados dos processos que seriam desenvolvidos pelas participantes no decorrer dos encontros, sendo explicado e debatido coletivamente que os fósseis seriam apenas a inspiração para a análise dos elementos formais e visuais, servindo como suporte para a construção dos processos criativos.

Ao final do encontro foi solicitado que as participantes detectassem alguns locais que pudessem conter fragmentos de madeira petrificada no bairro Chácara das Flores, como por exemplo, em suas residências, nos pátios dos vizinhos, em terrenos próximos à escola, para que então pudessemos realizar as observações previstas para o próximo encontro. Aproveitando este momento, Fátima realizou um convite para que fôssemos aos fundos do pátio da escola para observar algumas pedras que ela imaginava que poderiam ser fósseis. Fomos até o local para

investigar e analisar os exemplares disponíveis (Figura 14 e Figura 15), constatando que neste caso tratava-se de outros tipos de pedras.



Figura 14 - A procura pelas pedras  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 15 - Vista dos fundos da escola  
Municipal Chácara das Flores (Fonte:  
Portfólio da autora, 2007)

Nesse sentido foi possível perceber um maior interesse por parte das colaboradoras em participar dessa ação de procura pelas pedras e novos olhares, que segundo consta no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2003, p. 52) “as experiências educativas não-formais estão sendo aperfeiçoadas conforme o contexto histórico e a realidade em que estão inseridas”, resultando na ampliação da participação das pessoas e comunidades em ações voltadas a projetos de âmbito social, buscando através destas ações educativas a valorização dos elementos presentes em seus cotidianos, neste caso a madeira petrificada. Sendo essa visita a locais próximos à escola uma forma de valorizar e incluir essas mulheres a pesquisa, tendo neste ato uma maneira de criar uma ponte entre o que foi discutido no encontro e o ambiente em que as moradoras estão inseridas.

Como fechamento o primeiro encontro, foram colocadas para as participantes algumas questões com o intuito de conhecê-las melhor e assim possibilitar algumas ferramentas para o desenvolvimento de um trabalho. Sendo este questionamento referente às suas habilidades e conhecimentos técnicos, tendo em vista as futuras aplicações necessárias nesta pesquisa.

Nestas questões foi possível constatar que todas elas já realizaram algum curso fora da escola, seja de crochê, tricô, pintura em tecido, grampado, de abajures, possuindo conhecimentos ou mesmo habilidades manuais que aprenderam através dos cursos, com alguém da família ou até mesmo sozinhas, apenas olhando outra pessoa fazer. Perguntadas sobre a relevância destes cursos responderam que consideram importante este contato extracurricular, pois nestes cursos além de **“fazer amizades e conhecer novas pessoas, sempre se aprende algo novo e que um dia poderá ser utilizado”** (Fala da **Indaia**, registro do diário de campo da pesquisadora).

No que diz respeito ao tema “Moda”, há uma vontade de acompanhar e entender as mudanças sejam através da televisão ou por revistas. A maioria das mulheres não se preocupa com a roupa que veste também pela **“falta de oportunidade”** (Fala da **Luziana**, registro do diário de campo da pesquisadora), apenas uma delas possui certo interesse, no entanto a maior parte destas mulheres nem sempre tem a oportunidade de poder escolher que peça de roupa vestir, pois muitas são doações que recebem ou mesmo roupas que passam de uma para a outra. Mas mesmo assim o ímpeto de querer saber mais e muitas vezes até no sentido de sentir-se bem existe.

Apesar das dificuldades aqui relatadas e uma realidade social imposta pelo desfavorecimento capital muito presente hoje em dia, percebemos, mesmo assim, que estes fatores adversos não podam as opiniões e a vontade de ser de cada uma, visto que moda, significa para Indaia **“tudo o que se veste”**, já para Fátima **“moda sou eu que faço”**, opinião esta também compartilhada por Luziana que afirma que a moda **“quem faz é a gente”** (Falas registradas no diário de campo da pesquisadora).

Estas questões que foram levantadas neste encontro tiveram como objetivo perceber as primeiras opiniões no que diz respeito ao tema da pesquisa, sendo que posteriormente aconteceu um momento específico com entrevistas individuais retornando alguns assuntos aqui tratados. Gerando assim uma forma de comparação e reflexão sobre o direcionamento de suas opiniões. A íntegra referente a algumas destas perguntas encontra-se no Capítulo 3 sendo, neste momento, apenas colocado em questão aspectos que contribuíram para a reflexão e análise deste encontro em específico.

## **2º Encontro – 24 de outubro de 2007**

---

### **Temática:** Construindo um olhar sobre a madeira petrificada

O segundo encontro procurou através de uma exposição mais detalhada, elucidar e construir novas considerações acerca da madeira petrificada, tendo como questão elementos que subsidiassem os processos de criação. Realizando uma análise sobre o início de sua vida como árvore até o seu estado atual de pedra, buscando como objetivo apresentar detalhes sobre os fósseis, assim como possibilitar uma reflexão sobre possíveis projetos de design de moda.

O encontro ocorreu em torno de um momento geral, subdividido em algumas questões referentes as observações nos fósseis na intenção de explorar alguns elementos compositivos como: cores, texturas, formas e linhas, assim como o seu atual contexto. Estas análises levaram a construção da cartela de cores e o seu estudo detalhado dos elementos visuais, que posteriormente acompanhariam os processos criativos, na intenção de proporcionar as participantes uma reeducação do olhar e uma nova forma de observar a madeira petrificada.

### **Descrição e análise do encontro:**

As observações nas madeiras petrificadas ocorreram com a intenção de investigar elementos que caracterizavam estes fósseis como árvores e assim os diferenciavam dos demais tipos de pedras, levando em consideração seu percurso histórico e evoluções naturais. Munari (1987, p. 123) coloca a importância de observar as transformações que ocorrem da natureza, para que então possamos compreendê-la: “desde o seu aparecimento até o último fruto, a planta proporciona uma série de informações sobre o porquê de determinadas formas e disposições”. Neste sentido foram detectados por meio de observações alguns elementos visuais como cores, texturas, linhas e formas, tendo como base a compreensão dos ciclos evolutivos dos fragmentos, tornando-os únicos em relação aos significados históricos, a sua origem e seu processo de petrificação.

As observações aconteceram a partir de dois exemplares de madeira petrificada e imagens fotográficas derivadas de registros recentes no bairro Chácara das Flores. No encontro anterior foi solicitado que as próprias colaboradoras

detectassem alguns locais que pudessem conter amostras de fósseis, como em suas casas, nos vizinhos, em algumas ruas ou terrenos. Devido ao não reconhecimento por parte das participantes da existência de fósseis em nenhum dos locais sugeridos, as análises aconteceram baseadas em fotografias e fragmentos disponibilizados pela pesquisadora.

Como complemento a este momento, ficou planejado um passeio coletivo pelo bairro para que juntas pudéssemos examinar minuciosamente outros detalhes sobre os fósseis, assim como a forma que estes se encontravam expostos em casas e ruas.

A partir desta instigação do olhar e reflexão dos elementos compositivos, o próximo passo foi através das imagens fotográficas entender o contexto que estes fósseis se encontravam assim como perceber o cenário a sua volta. Neste momento houve, por parte das colaboradoras, uma identificação com os diversos ambientes presentes nas imagens, levando-as a buscar lembranças que compartilham semelhanças com as demonstradas nas fotografias, instigando-as a descrever outros locais onde poderiam ser encontrados os fósseis: **“Então ali na rua das pedras deve ter um monte!”** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora).

A participante referiu-se a uma rua que ficava logo atrás da escola, em seguida explicou que na “rua das pedras” poderiam ser encontrados fragmentos de madeira petrificada, sendo que há pouco tempo teve contato com informações que confirmavam o fato, sugerindo que quando fizéssemos o passeio pelo bairro fôssemos a esta rua na intenção de constatar a presença de fósseis no local.

Após a etapa inicial de reconhecimento de alguns elementos visuais presentes nos fósseis, assim como o contexto em que estavam inseridos, nos detivemos à tarefa de pesquisar nos fragmentos cores e tonalidades. Foi proposto que cada colaboradora desse início a este estudo, primeiramente constituindo individualmente sua própria cartela de cores, sendo este, um passo importante para a futura montagem de uma cartela geral de cores. Foram utilizados materiais como giz de cera, lápis de cor e tinta (Figura 16 e Figura 17).



Figura 16 – Observação dos elementos visuais presentes nos fósseis (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 17 – Construção da cartela de cores (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Esta procura pelas cores desencadeou outros momentos referentes a lembranças sobre locais de existência de exemplares fossilizados, como por exemplo, em suas próprias casas: **“acho que tenho ali perto da babosa, eu andei guardando há pouco tempo ali”** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora), referindo-se a época que construíram o poço artesiano no pátio de sua casa e este ato de escavar atribuiu a retirada de fósseis que estavam sob a terra. Na época, Indaia assegurou que não sabia muito bem do que se tratava, achando que eram pedras comuns, demonstrando nesta fase da pesquisa facilidade em reconhecer e detectar os fósseis em meio à paisagem urbana.

Esta pesquisa de cores caminhou para uma discussão coletiva sobre os nomes de cada tonalidade, suas misturas bem como a percepção na ausência de algumas cores:

**“Amarelo e tom de pastel, esse aqui tem um verde musgo bem aqui em baixo...”** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora)

**“É tom de marrom com preto”** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora)

**“O sépia... ah tem tom prata aqui!”** (Fala da **Indaia**, registro das gravações da pesquisadora)

**“O vermelho não tem!”** (Fala da **Fátima**, registro das gravações da pesquisadora)

**“Achei caramelo também... já achei bastante cor aqui! Tem até um verde abacate que eu achei aqui, tem verde folha, verde grama...”** (Fala da Indaia, registro das gravações da pesquisadora)

Através destes trechos percebe-se a interação das participantes na pesquisa das cores, buscando em seus conhecimentos pessoais nomear as tonalidades encontradas, assim como Fátima quando percebe a ausência do vermelho, levando em consideração sua afinidade com a cor e a afirmação de sua preferência pela tonalidade.

Já Indaia demonstrou bastante conhecimento quanto às cores, contando que aprendeu muito através das pinturas em tecido, com os nomes das tintas que comprava e também realizando algumas misturas para alcançar as tonalidades desejadas quando necessário. Contou que aprendeu muita coisa com sua tia, Dona Maria de Lourdes de setenta e seis (76) anos, lembrando que Dona Maria aprendeu a costurar ainda muito nova, primeiro a mão e depois quando vieram as máquinas de costura a pedal, fazia vestidos de noiva, sendo que ainda hoje é ela quem faz as barras das calças para a família, ensinando muita coisa a Indaia como, por exemplo, colocar zíper e fazer outros tipos de costuras na máquina elétrica. Conta Indaia que no passado, Dona Maria de Lourdes gostava de bordar a mão, se revelando uma grande costureira e um exemplo de pessoa para ela.

Após cada uma ter selecionado individualmente suas cores (Figura 18 a Figura 20), passamos, a partir das mesmas e em comum acordo, estabelecer uma cartela definitiva, utilizando como critério as cores encontradas com mais frequência pelas três colaboradoras. Posteriormente foi discutido se seriam adicionadas mais algumas tonalidades ou se realmente estas cores caracterizavam as madeiras petrificadas. O objetivo desta cartela foi determinar quais cores seriam utilizadas nas composições tonais para a criação das peças e harmonia das estampas.





Após esta análise sobre as cores, foi sugerido que as colaboradoras iniciassem um detalhamento em outros elementos visuais, como as texturas, formas e linhas. Recordando que estas noções compositivas constituem a base da criação de um desenho, Wong (1998) lembra que a compreensão destes elementos amplia a capacidade visual de organização representativa. Neste processo foi mantido o mesmo procedimento abordado na pesquisa das cores, sendo proposto que cada uma realizasse alguns rascunhos iniciais com lápis preto e algumas anotações, como por exemplo, as descrições que algumas formas lembravam, seus significados e assim por diante (Figura 21 a Figura 29).

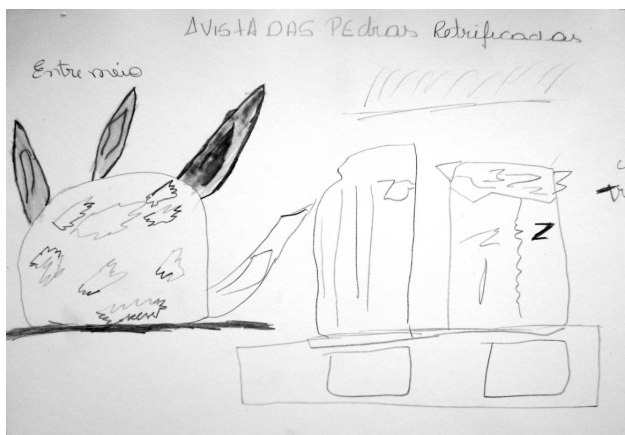


Figura 21 – Estudos iniciais feitos por Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

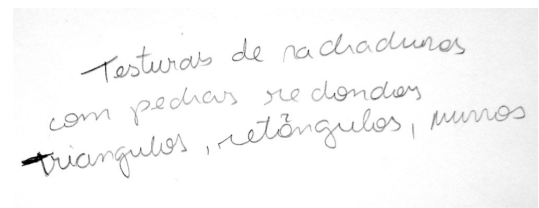


Figura 22 – Anotações feitas por Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

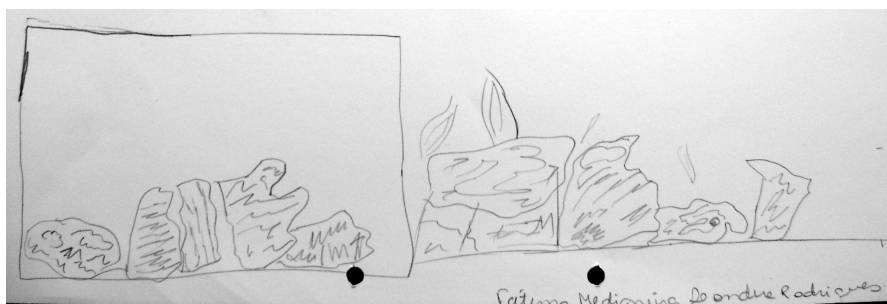


Figura 23 – Detalhamento dos elementos visuais feitos por Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

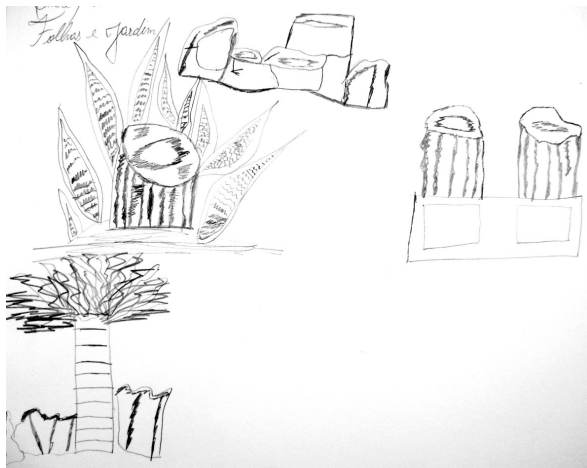


Figura 24 – Estudos iniciais feitos por Indaia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

A Vista das Pedras Pedrificadas

Figura 25 – Anotações feitas por Indaia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

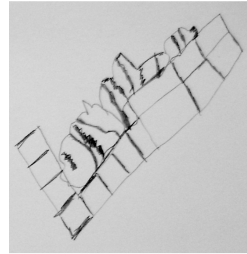


Figura 26 – Detalhamento de elementos visuais feitos por Indaia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

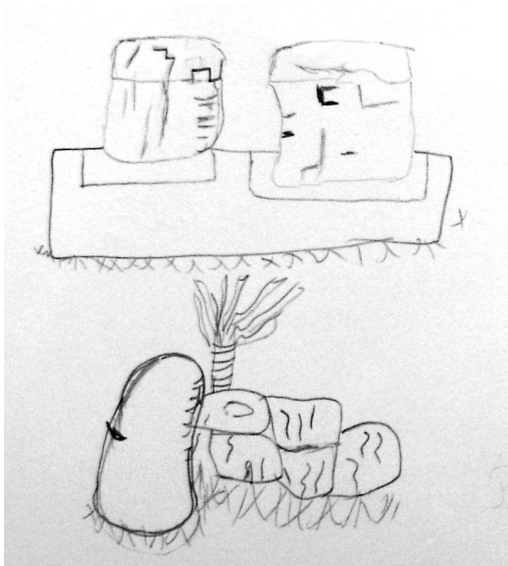


Figura 27 – Estudos iniciais feitos por Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

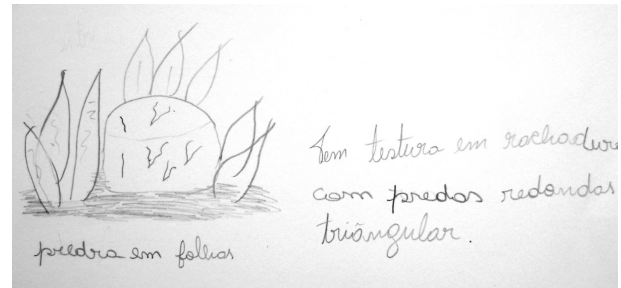


Figura 28 – Anotações feitas por Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

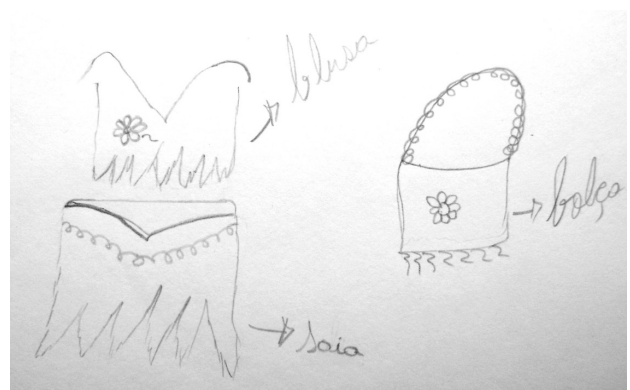


Figura 29 – Desenhos feitos por Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

No processo inicial de esboços houve períodos de indecisão quanto ao processo de desenhar, percebe-se que esta forma de trabalho difere das possibilidades comuns a que geralmente somos expostos, como cursos que focam seus objetivos apenas no fazer, assim passar por etapas até o produto final gerou

desconfiança por parte das colaboradoras, dado o fato de talvez essas não conhecerem todo o processo sentindo-se assim inseguras sobre ele, pois o simples fato da palavra desenho inserida no contexto causou um visível desconforto, medo que muitas vezes se deve ao impulso herdado de suas aprendizagens passadas, onde era necessário sempre alcançar o melhor sem poder errar. Pensando em quebrar com estes preceitos parte-se para momentos onde se tenta desmistificar esse pré-conceito, chegando assim a uma reflexão coletiva que visa um entendimento sobre o assunto e, dentro disso, criando ferramentas para uma compreensão dos seus processos, significados e intenções.

Ao final do encontro foi proposta a montagem dos portfólios, instrumento este que cria um elo entre os produtos e pensamentos das participantes com os objetivos gerais desta pesquisa. Foram esclarecidos alguns propósitos do portfólio segundo Shores e Grace (2001) onde cada participante da pesquisa coletaria uma variedade de amostras de trabalhos e imagens, sendo um diário de registro de aprendizagens individuais. O portfólio foi introduzido com a intenção de permanecer durante todo o processo de implementação da pesquisa que, de acordo com Hernández (2000) este instrumento contém toda a trajetória da pesquisa, com os temas trabalhados e reflexões diárias. Sendo o mesmo de propriedade das colaboradoras que ao final da pesquisa levariam consigo em definitivo.

### **3º Encontro – 20 de novembro de 2007**

---

#### **Temática:** Processos para a criação de um croqui

O terceiro encontro buscou, através do processo de significação sobre a madeira petrificada, resgatar elementos do encontro anterior tendo em vista o início da produção de croquis. O objetivo principal foi, através de variadas maneiras de utilizar e visualizar uma mesma forma, gerar possibilidades para o início dos estudos de design de moda.

Este encontro aconteceu dividido em três momentos, onde primeiro foi dado ênfase a importância do processo criativo no desenvolvimento de projetos de design de moda, entendendo necessário deixar claro que todas estas etapas fazem parte de uma produção técnica, assim como também pretendem atingir processos

educacionais. Em seguida foram apresentadas duas técnicas de estamparia artesanal: o carimbo e o *pochoir*, que seriam utilizadas para o desenvolvimento de estampas inspiradas na madeira petrificada, e finalmente o desenho dos croquis, também conhecido como desenho de moda, sendo este um instrumento utilizado como referência dentro do processo de criação dos modelos de roupas e acessórios nesta pesquisa.

### **Descrição e análise do encontro:**

Iniciamos este encontro objetivando a criação de croquis, mas inesperadamente Fátima nos surpreendeu trazendo um fragmento de madeira petrificada, coletada no pátio de sua residência (Figura 30 e Figura 31), observando inclusive outros pontos do bairro Chácara das Flores contendo fósseis expostos nos jardins das casas e até mesmo distribuídos em calçadas.



Figura 30 – Madeira petrificada coletada na residência de Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 31 – Detalhe da madeira petrificada coletada na residência de Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Esta atitude de interesse da colaboradora demonstrou seu empenho no andamento da pesquisa e também o seu novo olhar sobre os fósseis. Fátima, nesta ocasião, retorna a origem de seus pensamentos e abre possibilidades para uma nova significação da madeira petrificada, já que no primeiro encontro, como foi registrado, demonstrou-se adversa na crença da existência de dinossauros há 200 milhões de anos, devido à influência de opiniões geradas através de sua cultura

religiosa. Em outro momento na seqüência deste encontro, Fátima com o fragmento de madeira petrificada em suas mãos afirma: **“nossa e tem gente que não sabe a importância desse vegetal!”** (Fala da **Fátima**, registro do diário de campo da pesquisadora). Demonstrando maior interesse e importância com os fósseis, assim como uma afirmação do processo de conscientização promovido por esta pesquisa no olhar destas mulheres, uma nova percepção acerca de um elemento pertencente aos seus cotidianos.

Iniciando o que foi previsto para este encontro a fim de elucidar quanto a processos criativos na criação de design de moda, foram apresentados alguns exemplos produzidos pela pesquisadora como: uma manta para a decoração de interiores com estampas inspiradas nos fósseis junto com seu processo criativo, também uma coleção de roupas feitas para um cliente em específico da linha sportwear, assim como seu processo criativo com seus temas e propostas para esta coleção.

Estes exemplos foram mostrados às participantes da pesquisa na intenção de haver um maior entendimento sobre a importância dos processos na criação de um produto, seja objetos para decoração, como roupas masculinas e femininas, ou acessórios. Enfim, demonstrar dentro dessa idéia que para se chegar a concretização de um projeto dentro do design são necessárias a realização de etapas que percorram um processo criativo.

Aproveitando esta oportunidade de esclarecimento sobre os processos criativos dentro da produção de roupas, foram apresentadas duas técnicas de estamparia artesanal: o carimbo e o *pochoir*. Estas técnicas se caracterizam pela utilização de métodos e materiais acessíveis, podendo facilmente ser aplicadas em diversas superfícies e propostas, como realizar estampas localizadas, composições com repetições, seqüências em variados sentidos ou mesmo variações de estrutura e repetições.

O carimbo dentro desta proposta artesanal se caracteriza pela utilização de objetos presentes em nosso cotidiano, que segundo Cavendish (1977) folhas de árvores, sementes, frutas, vegetais e objetos como parafusos, botões e tecidos, podem ser adequados para fins de impressão sendo estes pressionados em superfícies variadas, como tecido, papel ou paredes, proporcionando um tipo específico de design através da linguagem da impressão. A utilização de materiais retirados do contexto se adapta perfeitamente ao propósito desta pesquisa, sendo

essencial a adaptação dos desenhos inspirados na madeira petrificada partirem de materiais alternativos para a realização das impressões.

O *pochoir* segundo alguns apontamentos teria dado origem à técnica da serigrafia, tendo registros segundo Hires (1983) que em meados de 1900 os franceses já fabricavam tecidos utilizando este processo. Outros fatos apontam que colonizadores na América do Norte, em meados do século XVIII, utilizavam esta técnica para decorar suas casas, unindo elementos naturais como base para a criação do design, como folhas de plantas assim como seus frutos. Para a realização desta técnica é necessária a utilização de um material que detenha propriedades específicas, como possuir pequena espessura e também ter certa durabilidade. Existem algumas opções alternativas como folhas plásticas, chapas de raios-X usados ou até mesmo uma folha de papel bem firme. Em seguida o desenho desejado é passado para este papel ou plástico, o seu interior é recortado com o auxílio de um estilete resultando em uma máscara vazada, sendo assim este desenho formado na máscara é transposto com o auxílio de tinta e algum tipo de pincel, esponja ou rolinho de espuma.

Após esta introdução a respeito destas duas técnicas de estamparia artesanal chegou-se ao momento da apresentação referente aos croquis, onde foram apresentadas suas principais peculiaridades e objetivos dentro de uma produção de design de moda. As colaboradoras deram início as criações dos croquis, definindo entre as possibilidades seu público alvo: moda masculina, feminina ou infantil. A decisão de trabalhar com a moda feminina foi definida coletivamente de forma unânime, sendo baseada em interesses particulares e também sobre alguns trabalhos já realizados pelas participantes.

Dado fato de possuímos pouco tempo para a realização de algumas etapas referentes a esta pesquisa foram introduzidos alguns objetos facilitadores no que diz respeito a acelerar certos momentos, uma dessas ferramentas foi a utilização de gabaritos como base para a criação dos croquis, sendo esses gabaritos apenas referências para o início do processo e não determinantes quanto ao que foi criado.

Os primeiros desenhos foram realizados junto a idéia de criar livremente modelos condizentes com as etapas realizadas nos encontros anteriores (Figura 32 a Figura 36), como a cartela de cores, esboços de texturas, linhas e formas. Elementos estes que posteriormente fariam parte de seus produtos contendo algumas características de seus estudos.



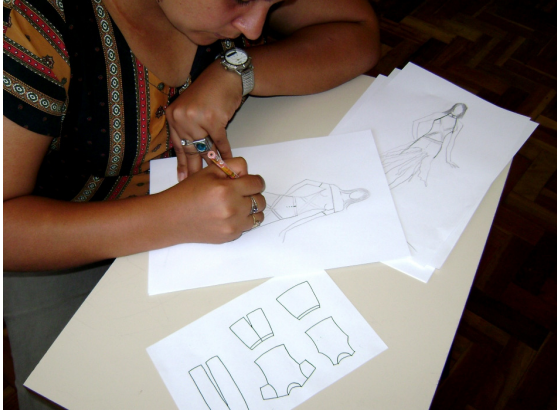


Figura 32 – Indaia fazendo seus primeiros croquis (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

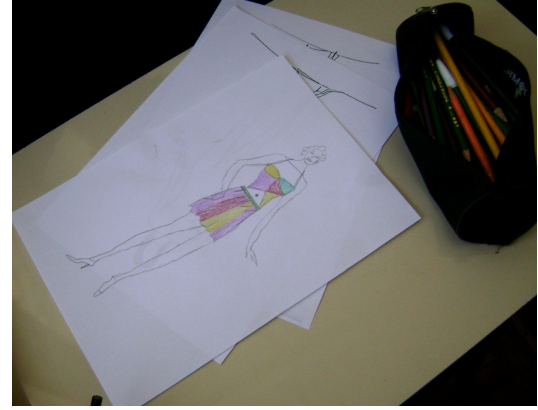


Figura 33 – Detalhe dos croquis feitos por Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

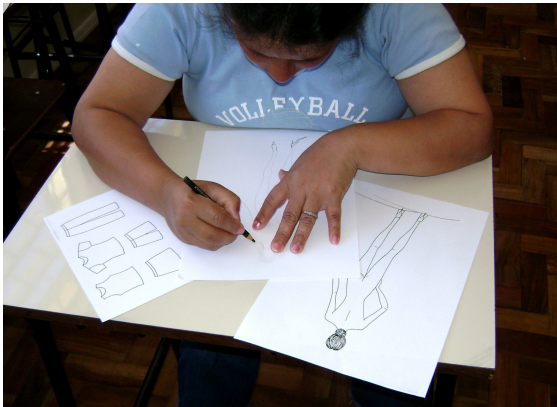


Figura 34 – Luziana fazendo seus primeiros croquis (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 35 – Detalhe do gabarito utilizado nos desenhos de moda (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 36 – Detalhe dos croquis feitos por Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Tendo a oportunidade de discutir e inventar seus próprios modelos de roupas e acessórios inspirados nos fósseis, as colaboradoras demonstraram-se bastante satisfeitas. Confirmando a importância deste momento Richter (2003) aborda esta



questão como uma ocasião especial, pois a intenção de dar forma ou modificar algo designa uma ocasião especial, pois coloca tal ação ou objeto dentro de uma esfera de certa forma diferente da de outros objetos considerados comuns. Trazendo para suas realidades um novo enfoque quanto à percepção dos fósseis, traduzindo-os em idéias que se concretizavam a partir da criação de roupas e acessórios.

Luziana observando o gabarito dos croquis, no final do encontro comentou que iria desenhar um pouco mais em casa, dizendo estar com muitas idéias, inclusive tinha a intenção de mostrar a sua filha de oito (8) anos, esta forma de desenho buscando a criação de roupas: ***“minha filha vai adorar isto!”*** (Fala da **Luziana**, registro do diário de campo da pesquisadora), contando que a menina adorava inventar modelos de roupas pedindo para ela depois os confeccionar.

O surgimento de uma nova configuração em relação as criações trouxe um diálogo satisfatório quanto às possibilidades da criação através dos desenhos de moda, assim como a aplicação destas duas técnicas de estamparia visando à geração de renda. Inclusive foi citada entre elas a possibilidade de quando receber alguma encomenda, seja de roupa, pano de prato, tricô ou crochê, de se fazer um croqui para mostrar antes para a cliente as diversas opções. Resultando na ampliação da clientela e revertendo estes saberes em uma renda financeira mais adequada cobrando um preço apropriado pelos serviços prestados.

Sendo importante citar que esta tarefa de criação dos croquis, iniciada neste encontro, não pode ser finalizada pelas colaboradoras, devido o curto período de tempo disponível a esta tarefa, sendo assim, ficou programado que no próximo encontro seria finalizado este processo de criação dos desenhos de moda.

#### **4º Encontro – 21 de novembro de 2007**

---

**Temática:** Criação de módulos para estamparia

O quarto encontro buscou trazer mais elementos para o desenvolvimento da proposta, tendo em vista a realização dos croquis num momento anterior, este encontro levou as participantes a oportunidade de desenvolver propostas para estamparia através de módulos, resultando assim em um processo mais amplo e abrangedor das necessidades da criação de uma peça dentro do design de moda. O

objetivo principal foi a criação de módulos direcionados à construção de projetos para estamperia, com a finalidade de compor os croquis criados pelas colaboradoras.

Este encontro ocorreu em dois momentos, primeiramente foram finalizados os croquis do encontro anterior, em seguida as colaboradoras iniciaram a criação dos módulos.

### **Descrição e análise do encontro:**

Este momento foi marcado por uma mudança no espaço de trabalho dentro da escola. Nos três primeiros encontros estávamos instaladas em salas de aula que se encontravam disponíveis nos turnos da tarde, espaços estes que se adequavam às necessidades da pesquisa, no entanto, devido a possibilidade da utilização de tintas neste encontro, fomos reinstaladas para a sala de artes. Esta sala gerou certo desconforto nas participantes, pelo fato de estar completamente rabiscada, não atendendo talvez as expectativas delas no que diz respeito a um ambiente educacional. As paredes e móveis eram cobertos por desenhos, mensagens, nomes e pinturas, feitos pelos próprios alunos, talvez expressando um pouco mais do que simples figuras e palavras, falando sobre seus anseios, sobre sua comunidade, seus modelos, suas fraquezas e sonhos, uma tela viva pintada por diversas mãos, significando a realidade transportada para a sala de aula.

Este desejo de expressão exposto neste ambiente demonstrou que os jovens, assim como os adultos, também têm a necessidade de contar suas histórias, valorizando-as como parte importante de suas vidas. Através dos encontros construímos um vínculo de comunicação, diariamente eram relatados problemas pessoais, familiares, amorosos e sociais, vidas que se entrelaçavam na tentativa de atribuir significados e respostas aos seus questionamentos. Freire (1996, p. 109) coloca a importância deste tipo de relação numa prática educativa, “neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no ‘trato’ deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola”, tornando visível a complexidade deste espaço de relações, onde ambos os lados refletem, interpretam e escrevem sua própria história baseada em sentidos atribuídos pelo grupo.

Interpretações estas também mostradas nas criações dentro da pesquisa desenvolvida pelas participantes. Modelos que se adaptavam aos seus gostos pessoais, atendendo aos desejos de pessoas que se revelavam exigentes consigo mesmas, deixando transparecer no papel, através de cores e formas um pouco daquilo que consideravam ideal.

Esta troca feita entre pesquisa e comunidade é comprovada em situações como a de Luziana, mãe de Paola de oito (8) anos, que ao levar o gabarito dos croquis para casa, sabendo do interesse de sua filha pelo desenho, gerou um momento onde a pesquisa ultrapassou seus perímetros estabelecidos e atingiu personagens que também pertencem à comunidade, mas que talvez não tivessem a possibilidade de trabalhar e construir em cima destas questões. Gerando assim uma ação mais abrangente, tendo como consequência um retorno deste momento, onde foram produzidos três desenhos realizados pela menina (Figura 37).



Figura 37 – Croquis feitos por Paola oito (8) anos, filha de Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Estes desenhos representam a influência gerada dentro da família pela pesquisa, sendo possível perceber que dentro de sua casa Luziana passa adiante seu conhecimento, permitindo que sua filha crie seus próprios modelos de roupas, sendo estes confeccionados por ela, representando uma união de interesses neste círculo de convivência.

Após esta ambientação com o novo espaço foi proposto que as participantes finalizassem os croquis iniciados no encontro anterior (Figura 38 a Figura 41). É significativo ressaltar a satisfação e aprovação das mulheres no que diz respeito a

esta experiência de criação dos croquis, sendo, como já citado, uma ferramenta que ocupou um espaço importante dentro de suas vidas, resultando no aumento das possibilidades na criação de seus produtos e geração de renda.



Figura 38 – Fátima desenhando seus croquis  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 39 – Indaia criando alguns croquis  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 40 – Luziana desenhando alguns croquis  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 41 – Detalhe das colaboradoras desenhando seus croquis  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Este momento durou até o início do recreio da escola, levando em consideração que a sala de artes se localizava ao lado do refeitório, acabamos optando por uma pausa devido o barulho excessivo. Neste tempo recebemos a visita de Amanda de sete (7) anos, filha de Fátima, mais duas colegas e a visita de Paola, filha de Luziana, idealizadora dos croquis mostrados anteriormente. Apesar de ser um momento de intervalo, é importante ressaltar uma breve conversa com Paola a respeito de seus desenhos e seu interesse pelo assunto. Perguntei a menina se no

futuro gostaria de seguir a carreira de estilista, tendo como resposta: “**sim**” (Fala de **Paola**, filha de **Luziana**, registro do diário de campo da pesquisadora), Luziana ao observar a atitude da filha, orgulhosa complementou, que Paola além de se interessar pelo desenho sempre gostou de inventar os modelos de roupas, que são confeccionados posteriormente pela mãe.

Após o intervalo realizamos uma reflexão na intenção de verificar como os elementos compositivos detectados nos fósseis poderiam servir como base no desenvolvimento de módulos para estamperia, tendo em vista a intenção de esses elementos serem utilizados nesta montagem para compor os modelos de roupas idealizados pelas participantes.

Relembrando a etapa de criação dos croquis onde a técnica do desenho foi muito utilizada, ainda assim houve manifestações de receio quanto ao ato de desenhar, como percebemos na fala a seguir: “**eu não sei desenhar!**” (Fala da **Fátima**, registro do diário de campo da pesquisadora), momento este trazido a tona novamente, pelo fato das participantes ainda não terem entendido exatamente o que são módulos e como estes são utilizados na estamperia. Percebendo este descompasso da teoria com o fazer, foi necessária uma explicação mais contundente sobre o que era um módulo, qual sua aplicação e principalmente a ligação da temática na sua criação, sendo esclarecido que este processo de desenho e desenvolvimento dos módulos para as propostas de estamperia partiria do próprio material que estava sendo produzido pelas colaboradoras nos encontros.

Neste momento, para elucidar foi citado de forma coloquial Wong (1998), que afirma que o ato de desenhar envolve um processo de criação que contém acima de tudo um propósito. Partindo deste fato percebe-se uma possibilidade de unir esta reflexão à finalidade proposta para o encontro: a criação de módulos para estamperia, baseados em elementos inspirados na madeira petrificada.

Dentro deste momento de elucidação dos significados dessa nomenclatura envolvendo a pesquisa, foram introduzidos alguns conceitos básicos no que diz respeito ao desenvolvimento de design para estamperia, abordando de forma mais ampla esses conceitos, assim como sua importância dentro do processo de repetição das formas na composição da estampa. A repetição das formas envolve a utilização de três elementos formais básicos. Primeiramente o módulo, representando a organização de um desenho através de uma estrutura preestabelecida, que quando posto lado a lado constitui um padrão contínuo. Depois



vem o rapport, que se refere a maneira como um módulo é repetido, sendo assim, a estampa varia de acordo com suas modificações. Finalmente temos o layout, que representa as formas possíveis de organização, nas quais os módulos, de acordo com o rapport, se repetem.

Após esta introdução sobre alguns aspectos básicos referentes ao design de estamparia e suas formas de repetição, foi proposto o início deste processo através de alguns esboços. Os traços que inicialmente revelaram-se tímidos e inseguros, aos poucos foram mostrando possibilidades dentro do processo de criação, assim levando em consideração as percepções das colaboradoras, nota-se em suas primeiras soluções o surgimento em meio às linhas, formas e texturas elementos que condiziam com os estudos e reflexões feitos no decorrer da pesquisa (Figura 42 a Figura 47).



Figura 42 – Processo criativo de Indaia  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 43 – Indaia dando forma aos seus primeiros módulos  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 44 – Processo criativo de Fátima  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 45 – Detalhe do módulo desenvolvido por Fátima  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 46 – Processos criativos de Luziana  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 47 – Detalhe das participantes construindo seus processos criativos (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Foi interessante observar a reação de cada participante no momento que seus desenhos tomavam formas específicas, sendo possível perceber a satisfação referente ao resultado deste processo: **“eu não acredito que eu sei desenhar! Vou mostrar para todo mundo meus desenhos!”** (Fala da **Fátima**, registro do diário de campo da pesquisadora). Essa fala comprova as novas descobertas alcançadas através desta pesquisa, possibilidades que acarretaram numa nova visão quanto ao ato de desenhar, Fátima entende que sua capacidade de criação ultrapassou o que era estabelecido e imposto por seus próprios pensamentos.

Esta etapa demonstrou mais uma vez que as descobertas feitas pelas participantes passam sempre por um momento processual, demonstrando agora um período onde as próprias colaboradoras entendem a necessidade deste processo, não só mais pensado no resultado final. Gadotti e Gutiérrez (2001, p. 113) afirmam que “educativamente, não são os resultados ou produtos finais do processo o que nos deve interessar, e sim o apalpar, sentir, degustar e re-criar, pois é assim que estaremos consolidando o processo de maneira permanente e intensa”, portanto, as colaboradoras partem para um momento onde criam ferramentas que as acompanharão na sua vivência, baseadas na construção de algo inspirado em sua própria experiência.

Este processo de criação dos módulos não foi finalizado neste momento devido o tempo restrito para esta atividade, sendo assim, seu término foi destinado ao próximo encontro.

## **5º Encontro – 27 de novembro de 2007**

---

**Temática:** Criando propostas em estamperia através da linguagem do carimbo

O quinto encontro buscou destacar possíveis finalidades para a utilização dos módulos desenvolvidos, em destaque o carimbo. O objetivo principal foi proporcionar que cada participante compreendesse a essência deste tipo de impressão e adaptasse seus desenhos à linguagem do carimbo.

Este encontro foi dividido em dois momentos, primeiramente foram finalizados os estudos iniciados anteriormente, em seguida foi realizada uma análise em cima do material produzido pelas participantes, na intenção de selecionar alguns desenhos para adaptá-los a linguagem do carimbo, assim como iniciar sua confecção.

### **Descrição e análise do encontro:**

Neste encontro além da presença das participantes, Fátima trouxe uma convidada, dizendo que esta tinha interesse em conhecer nossos trabalhos. Assim, Fátima assume o papel de apresentar a sua amiga as finalidades desta pesquisa, esclarecendo algumas questões referentes às propostas, assim como seus objetivos. Inicia sua fala explicando: ***“a madeira petrificada é a inspiração para as nossas criações, é dela que vem tudo que a gente cria, fizemos a cartela de cores...”*** (Fala da **Fátima**, registro do diário de campo da pesquisadora), mostrando seu portfólio, sua cartela de cores, croquis e seu entendimento de como ocorreu seu processo criativo. Inesperadamente tivemos um momento de reflexão sobre as etapas já percorridas nesta pesquisa, contando agora com as opiniões das outras participantes que também quiseram falar sobre seus processos e mostrar seus portfólios. Este momento de integração entre colaboradoras e convidada foi significativo pelo fato de haver uma ocasião onde a discussão e a compreensão sobre a madeira petrificada atingiu um patamar onde se percebe que este patrimônio agora pertence a cultura local do bairro Chácara das Flores, representado pelas opiniões dessas três participantes, percebendo-se que todos esses materiais e processos agora possuem significados e motivos contextuais lógicos.



Outro momento relevante a ser pontuado foi a utilização de um gravador digital, que estava sendo empregado nos encontros como um instrumento auxiliar na coleta de dados. Devido a problemas técnicos, neste encontro não foi possível realizar as gravações previstas, contudo isto não foi problema para as participantes: ***“Oba! Hoje a professora não ta gravando! Vai dá para soltar a língua, falar bastante bobagem! Pelo menos a gente não tem que se preocupar com o que fala”*** (Fala da **Indaia**, registro do diário de campo da pesquisadora). Apesar de ficar estabelecido desde o primeiro encontro as intenções das gravações, as participantes confessaram, neste momento, estarem pouco à vontade para conversar, pois tinham medo de falar alguma bobagem e ficar gravado, sem o gravador estariam acessíveis a qualquer tipo de assunto. Partindo destas ocorrências, este instrumento de coleta de dados foi deixado de lado com o propósito de evitar alguns constrangimentos e os encontros se tornarem mais positivos.

Relacionando-se a momentos pré-estabelecidos, voltamos aos estudos iniciados no encontro anterior com as participantes desenvolvendo seus desenhos e gradativamente finalizando seus módulos.

Em seguida, foi realizada uma análise sobre o material produzido por cada uma delas, na intenção de verificar as possibilidades em adaptá-los a linguagem do carimbo. Neste sentido houve a necessidade de retornar um diálogo sobre as peculiaridades contidas nesta técnica de estamparia, assim como tipos de materiais que poderiam ser empregados e as variadas superfícies, resultando numa seleção de desenhos, propostos pelas colaboradoras, baseados nessas intenções (Figura 48 a Figura 50).

Também foi apresentado o material disponível para a confecção dos carimbos: E.V.A. e isopor para a base, para o relevo dispúnhamos de barbante, sementes de melancia e E.V.A, tinta acrílica e de tecido. Também foi colocada a disposição diversos tipos de pincéis, no intuito de ampliar a utilização dos materiais acima.

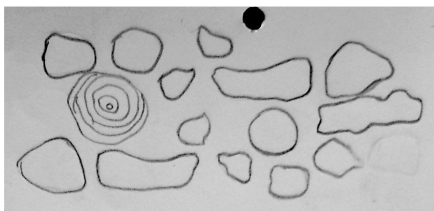


Figura 48 – Módulo selecionado por Fátima para a confecção do carimbo (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

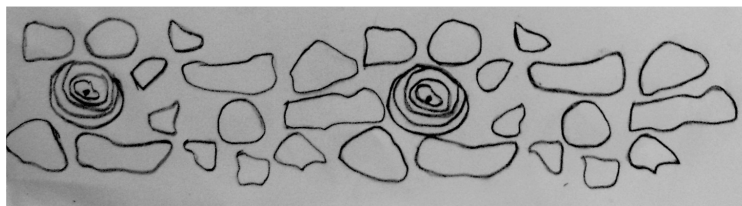


Figura 49 – Módulo repetido por Fátima (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 50 – Fátima iniciando a confecção dos carimbos (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

No decorrer do encontro, Fátima nos disse que havia observado fragmentos de madeira petrificada em um local próximo à escola, propondo que no intervalo fôssemos verificar pessoalmente aqueles fósseis. Esta idéia foi aceita por todas e no período do intervalo iniciamos uma caminhada pelo bairro na intenção de observar os fósseis em seus locais de afloramento.

Sob um sol muito forte, às 15h30min partimos em busca das pedras. Andamos por algumas ruas, percorremos terrenos desocupados, pulamos muros e atravessamos um cemitério, uma verdadeira aventura para enfim chegarmos ao local onde continham as madeiras petrificadas. Os fragmentos encontravam-se expostos na calçada de uma casa (Figura 51 e Figura 52), cuidadosamente distribuídos na entrada da garagem. Nesta ocasião foi possível realizar uma observação mais detalhada, já que estavam disponíveis diversos tipos e tamanhos de fragmentos (Figura 53 e Figura 54).



Figura 51 – Fragmentos expostos na calçada de uma casa (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 52 – Detalhe dos fósseis distribuídos na calçada de uma casa (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 53 – Detalhe dos fósseis expostos na calçada (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 54 – Detalhe da textura presente nos fósseis (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

As participantes tiveram a oportunidade de pegar os fósseis em suas mãos, analisar seus detalhes e detectar outras características, como por exemplo, os cristais de quartzo que se faziam presentes em alguns deles. Como reflexo deste momento iniciou-se uma conversa sobre os processos referentes a ação do tempo na natureza, levando em consideração como ocorreram essas fossilizações e as infinitas transformações passadas pela planta até os dias de hoje. Outro elemento que chamou a atenção das colaboradoras foi a diversidade de texturas encontradas, muitas semelhantes as cascas das árvores, outras lembrando os anéis de crescimento da planta, sendo este o momento ideal para confirmar as cores pesquisadas e selecionadas em suas cartelas (Figura 55 e Figura 56).





Figura 55 – Fátima examinando um fóssil de madeira petrificada (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 56 – Detalhe da casca de uma madeira petrificada (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Seguindo com o passeio, nos deslocamos até a “rua das pedras”, local lembrado por Fátima no segundo encontro, sendo possível durante este percurso presenciar alguns espaços contendo fósseis, como em algumas casas onde havia grandes pedaços de madeira petrificada expostos em seus jardins e outras com pequenos fragmentos (Figura 57 a Figura 62), assim prosseguimos nossa caminhada de procura pelas pedras, reflexões e novas descobertas.



Figura 57 – Pedacos de fósseis expostos no jardim de uma casa (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 58 – Fragmento colocado na frente de uma casa no bairro Chácara das Flores (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 59 – Fragmentos de fósseis colocados cuidadosamente ao lado de uma torneira no quintal de uma casa (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 60 – Detalhe dos fragmentos de madeira petrificada colocados no jardim de uma residência (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 61 – Fósseis de pequeno porte em meio ao jardim de uma casa (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 62 – Pedaco de madeira petrificada em destaque na frente uma residência (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

O passeio pelo bairro Chácara das Flores teve como objetivo aproximar as colaboradoras com o objeto de estudo, proporcionando que cada uma observasse e descobrisse outras características presentes nestes fósseis e, principalmente, os presenciasse em seu atual contexto. Gadotti e Gutiérrez (2001, p. 28) falam da educação como uma ação transformadora consciente, possuindo dois momentos: a ação e a reflexão, “o primeiro, como ponto de arranque, na medida em que a ação parte de certa forma de consciência e conduz para uma nova forma de consciência, mais esclarecida, mais plena”. Através desta ação referente as pedras, foi possível desenvolver uma nova percepção sobre os fósseis, conduzindo a uma análise mais crítica sobre seus processos evolutivos e seu atual estado de conservação.



## **6º Encontro – 28 de novembro de 2007**

---

### **Temática:** Confeccionando os carimbos

O sexto encontro deu seqüência na confecção dos carimbos subsidiados pelos estudos realizados durante os processos criativos. O objetivo foi a produção dos carimbos para a estamperia.

Este encontro se desenvolveu em torno de um momento geral, envolvendo a confecção e finalização dos carimbos.

### **Descrição e análise do encontro:**

No sexto encontro estiveram presentes Indaia e Fátima, Luziana não pode comparecer. Já no sétimo encontro Luziana esteve presente, Indaia e Fátima se ausentaram devido a alguns problemas pessoais. Partindo destes fatores, o sexto e o sétimo encontro acabaram por abordar a mesma temática.

Sendo assim, Indaia e Fátima, únicas presentes, deram seqüência a proposta do encontro anterior trabalhando na montagem dos carimbos, baseados nos desenhos selecionados através de seus estudos sobre a madeira petrificada (Figura 63 a Figura 70).

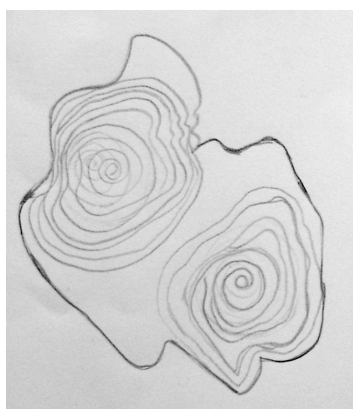


Figura 63 – Módulo selecionado por Indaia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 64 – Estudo feito por Indaia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

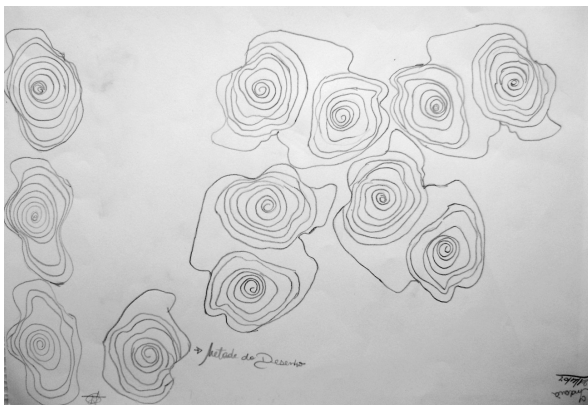


Figura 65 – Projeto feito por Indaia  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 66 – Indaia iniciando a confecção do carimbo  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 67 – Processo de Indaia na construção do carimbo  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 68 – Detalhe da confecção do carimbo e textura  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 69 – Fátima dando seguimento a confecção do carimbo iniciado no encontro anterior  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 70 – Detalhe da confecção do carimbo por Fátima  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Este momento de confecção dos carimbos abrangeu uma etapa prática da pesquisa, permitindo que as participantes entendessem seus processos através da ação, buscando novas soluções, adaptando seus estudos e módulos a esta linguagem da estamperia, caracterizando esta etapa como crucialmente necessária no processo de criação do design.

### **7º Encontro – 04 de dezembro de 2007**

---

#### **Temática:** Confecção dos carimbos

O sétimo encontro, como já citado, contou com a presença de apenas uma participante, sendo assim, houve um resgate da proposta do sexto encontro, tendo em vista permitir a essa participante que seu trabalho estivesse no mesmo momento de produção que o das demais. O objetivo foi dar seguimento na criação dos carimbos.

Este encontro também se desenvolveu em torno de um momento geral, momento este que englobou a confecção e finalização dos carimbos.

#### **Descrição e análise do encontro:**

Neste encontro Luziana compareceu acompanhada de sua filha Paola, que no decorrer da tarde também realizou alguns desenhos, já a participante continuou a trabalhar, confeccionando carimbo de acordo com o desenho selecionado baseado em seus estudos anteriores (Figura 71 a Figura 74).



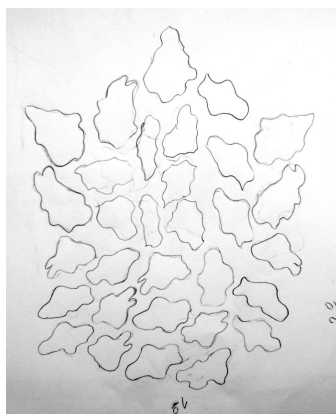


Figura 71 – Módulo selecionado por Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

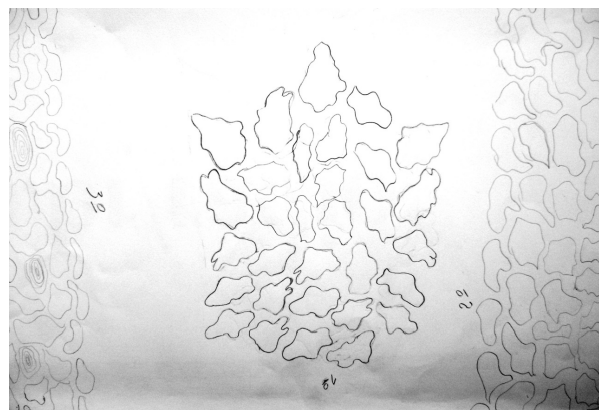


Figura 72 – Projeto feito por Luziana (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 73 – Luziana iniciando a confecção do carimbo (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 74 – Luziana montando o carimbo (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

Luziana realizou esta tarefa de confecção do carimbo tendo em vista seu processo prático, criando soluções e alternativas para sua concretização.

## **8º Encontro – 05 de dezembro de 2007**

**Temática:** O carimbo colocado em prática

O oitavo encontro buscou a aplicação dos carimbos produzidos em encontros anteriores. Seu principal objetivo foi proporcionar que cada colaboradora realizasse uma descoberta através das diversas possibilidades no ato de carimbar tendo em vista a execução de seus projetos para a estamparia.

O encontro aconteceu em torno de um momento geral, onde foi colocada em prática a técnica do carimbo, pretendendo testar no papel resultados e experiências quanto a possibilidades de cores e estruturas, produzindo com esta ação estudos que posteriormente seriam aplicados nos modelos de roupas e acessórios.

### **Descrição e análise do encontro:**

Neste encontro contamos com a chegada de novos personagens no ambiente da pesquisa: as crianças, filhas das colaboradoras. Como a escola estava entrando em período de férias, permanecendo apenas alunos em recuperação, as meninas encontravam-se livres para acompanhar suas mães durante a pesquisa, por outro lado, as mães/participantes tinham que cuidar de suas filhas em tempo integral, acontecendo assim um momento muito importante e comum em pesquisas com processos não-formais, a presença de familiares, em específico filhos que necessitam de cuidados de seus pais. Este momento de necessidade e aproximação entre as participantes e seu meio familiar, estabeleceu conseqüentemente o surgimento de um novo espaço, ambiente este criado pela presença das participantes junto de suas filhas, personagens que unem as intenções e as construções provenientes desta pesquisa.

Após este período inicial de adaptação das quatro crianças ao ambiente de trabalho, as participantes voltaram-se aos momentos pré-estabelecidos propostos para este encontro, dando início a realização de mais alguns carimbos e realizando alguns testes em folha A3 para verificar como se comportavam as aplicações no papel, realizando composições de formas e harmonia com as cores provenientes da cartela (Figura 75 a Figura 85).



Figura 75 – Fátima se preparando para testar seu carimbo (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

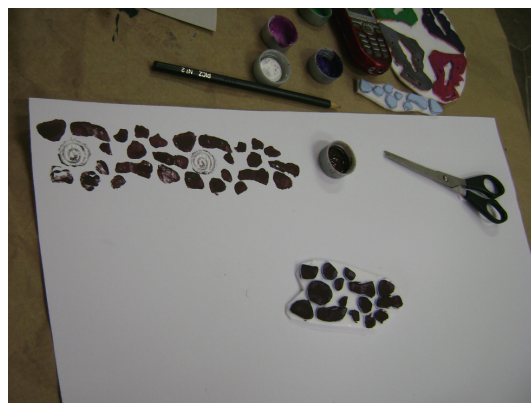


Figura 76 – Fátima realizando testes de cor e composição com os carimbos (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

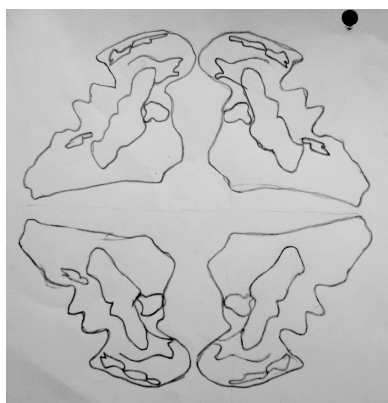


Figura 77 – Outro módulo selecionado por Fátima para a confecção do carimbo (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 78 – Fátima realizando testes de cor e composição com outro carimbo (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 79 – Indaia testando seus carimbos (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 80 – Indaia realizando testes de cor e composição com os carimbos (Fonte: Portfólio da autora, 2007)





Figura 81 – Luziana colocando tinta no carimbo  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 82 – Luziana realizando testes de cor e composição com o carimbo  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)

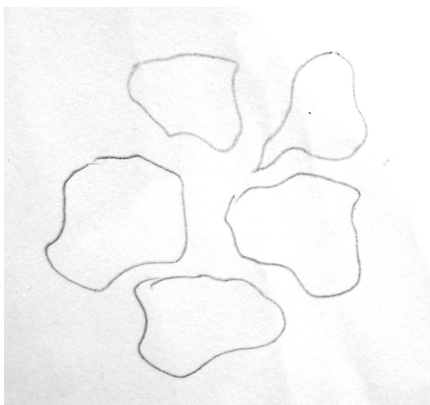


Figura 83 – Outro módulo selecionado por Luziana para a confecção do carimbo  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 84 – Luziana preparando seu carimbo para a aplicação no papel  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)

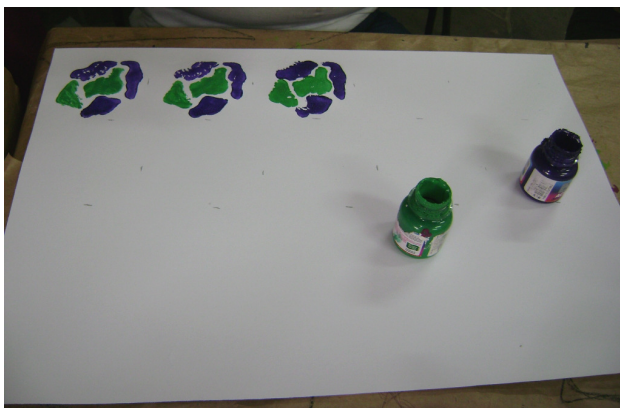


Figura 85 – Luziana realizando testes no papel com outro carimbo  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)

O momento de aplicação da técnica proporcionou algumas opiniões sobre a utilização dos carimbos para outros fins, assim como possibilidades em confeccioná-los em outros formatos e materiais diversos: ***“estou adorando e louca para fazer***

***umas coisas para vender!***” (Fala da **Fátima**, registro do diário de campo da pesquisadora). As perspectivas em realizar este tipo de atividade visando a comercialização de produtos, gerou no grupo um momento de incentivo e utilidade, referindo-se as suas recentes aprendizagens e o quanto o “curso de moda” estava sendo benéfico para elas naquele momento.

Os diálogos que acompanhavam os encontros tornavam-se cada vez mais essenciais nas relações construídas entre participantes e pesquisadora, assim o modo como fui acolhida por este grupo de mulheres, possibilitou alcançar uma maior profundidade na realização das tarefas, percebendo que a dedicação protagonizada pelas participantes aconteceu baseada nesta confiança adquirida durante o desenrolar da pesquisa. Em alguns diálogos sobre assuntos particulares, quando Indaia se referiu a minha pessoa como “professora” e logo Fátima a interrompeu, surpreendendo-me: ***“Professora não! Ela é uma amiga!”*** (Fala da **Fátima**, registro do diário de campo da pesquisadora), ressaltando a importância desta confiança, mostrada na forma liberal de expor suas opiniões, assim como a presença de algumas quebras de barreiras provenientes da relação entre professor e aluno.

Neste sentido podemos citar Freire (1996, p. 25), que trouxe em sua obra um importante aporte educativo: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Levando em consideração as inúmeras situações que esta frase ilustra, neste caso refiro-me as relações pessoais construídas e também conquistadas durante os encontros, pois o fato de simplesmente ouvir e dar espaço para que essas pessoas se expressem livremente, sem determinar o que é certo ou errado, mas sim na tentativa de compreender uma realidade que está sendo exposta através das próprias falas das colaboradoras, faz com que através destes atos se concretizem as palavras do autor, onde pesquisadora e participantes aprendem umas com as outras através destas trocas constantes de experiências relatadas.

### **9º Encontro – 06 de dezembro de 2007**

**Temática:** Criando propostas em estamparia através da linguagem do pochoir

O nono encontro buscou destacar a importância de mais uma técnica de estamparia artesanal: o *pochoir*. O objetivo foi proporcionar que cada colaboradora

compreendesse mais este tipo de impressão e suas possibilidades na aplicação em diversas superfícies, proporcionando a construção de estampas que compusessem os modelos representados nos croquis.

Este encontro foi dividido em três momentos, primeiramente foi feita uma análise sobre o material produzido nos processos criativos na intenção de selecionar alguns desenhos. Após esta seleção os estudos foram adaptados à linguagem do *pochoir*, sendo os mesmos confeccionados. Finalmente, esta técnica foi aplicada ao papel visando o desenvolvimento de estudos e projetos.

### **Descrição e análise do encontro:**

Partindo dos elementos produzidos pela pesquisa, derivados dos estudos realizados sobre alguns elementos visuais da madeira petrificada, as participantes escolheram dentre as diversas possibilidades, quais dessas características seriam possíveis de serem adaptadas a linguagem do *pochoir*. Nesta etapa se fez necessário rever algumas peculiaridades desta técnica de estamperia, como exemplo, suas formas de aplicação em diversas superfícies, tarefa esta que conduziu as colaboradoras a compreensão sobre este método, antes de fazer a seleção definitiva de seus desenhos.

Através dos estudos selecionados iniciou-se a confecção do *pochoir* a partir da disponibilidade dos seguintes materiais: folha plástica e chapas de raios-X usados servindo ambos como base, estilete para fazer os recortes vazados e fita adesiva para fixá-los na mesa. Pincéis como brochas e também esponjas serviram para aplicar a tinta sobre os moldes vazados, as tintas utilizadas foram de base acrílica e tinta para tecido.

Logo após, iniciaram-se alguns estudos utilizando como suporte folhas de papel A3, onde se desenvolveram composições promovendo uma pesquisa sobre cores e estruturas, na intenção de que as participantes pudessem constatar como determinadas formas se comportavam ao serem repetidas, assim como suas harmonias no que diz respeito as cores nas composições (Figura 86 a Figura 95).

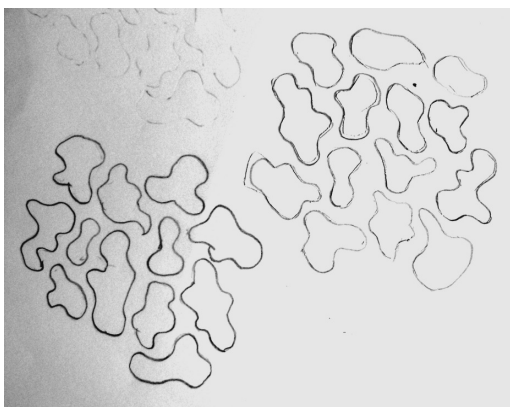


Figura 86 – Estudo selecionado por Luziana para a confecção do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 87 – Luziana recortando o desenho para a confecção do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 88 – Luziana estampando com o auxílio do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 89 – Módulo selecionado por Indaia para a confecção do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 90 – Indaia estampando com o auxílio do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 91 – Indaia desenvolvendo um projeto com a técnica do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)





Figura 92 – Indaia fazendo variações de cores  
(Fonte: Portfólio da autora, 2007)

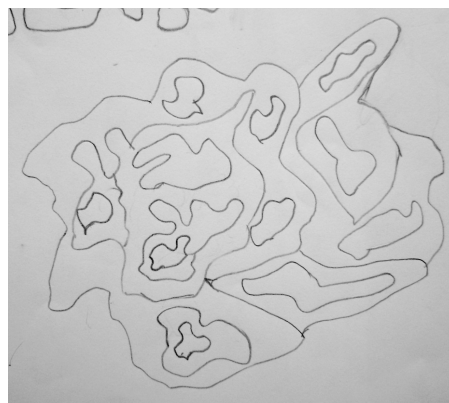


Figura 93 – Módulo selecionado por Fátima  
para a confecção do *pochoir* (Fonte: Portfólio  
da autora, 2007)



Figura 94 – Fátima compondo variações de  
cores com o *pochoir* (Fonte: Portfólio da  
autora, 2007)



Figura 95 – Fátima estampando com o auxílio  
do *pochoir* (Fonte: Portfólio da autora, 2007)

A criação do *pochoir* e sua aplicação técnica pelas colaboradoras trouxeram importantes contribuições, permitindo inúmeras visualizações na intenção de adaptar outros desenhos na produção de peças, como panos de prato e jogos de banheiro. Estes exemplos foram lembrados por Indaia e Luziana, pelo fato de receberem constantemente este tipo de encomenda por suas clientes, sendo que através desta técnica seriam abertas novas possibilidades dentro dessa linguagem atribuindo um maior valor a estes produtos.

## 10º Encontro – 11 de dezembro de 2007

**Temática:** Unindo carimbo e *pochoir* na criação de propostas para estamparia

O décimo encontro utilizou as duas técnicas de estamparia estudadas anteriormente, como proposta para desenvolver composições que instigassem a criação. O principal objetivo foi proporcionar que cada participante explorasse possíveis formas e soluções, aplicando tanto o carimbo como o *pochoir*, tendo em vista a possibilidade de produzir variados projetos para estamparia.

Este encontro se desenvolveu dentro de um único momento, onde através da aplicação das duas técnicas no papel, pretendeu-se a diversificação no processo de criação no desenvolvimento de composições, cores e estruturas.

### **Descrição e análise do encontro:**

Após uma breve explicação sobre as intenções deste encontro, foi colocada em prática essa tarefa levando em consideração a oportunidade de utilizar e unir as duas técnicas de estamparia, na intenção de explorar novas composições visando um trabalho que atingisse maiores possibilidades dentro deste momento de criação. As participantes utilizaram os mesmos materiais de suas pesquisas anteriores para estamparia artesanal, propondo outras soluções através de novas composições, mistura de cores e formas (Figura 96 e Figura 97).



Figura 96 – Indaia criando composições utilizando as duas técnicas de estamparia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)



Figura 97 – Fátima criando composições utilizando as duas técnicas de estamparia (Fonte: Portfólio da autora, 2007)